

Entrevista a José Fernandes, Serrano com orgulho



José Miguel Afonso Fernandes é agricultor numa região de montanha, na freguesia de Covas do Barroso, concelho de Boticas, onde as dificuldades para a prática agrícola são muitas, com relevo muito acentuado, muito rochosa, onde predomina o minifúndio. Presidiu o Conselho dos Baldios de Covas do Barroso durante oito anos (continuando com uma forte ligação aos baldios porque estes são a terra que não tem), é Dirigente Associativo da CNA, é Presidente da APT e do SBTMAD e faz parte da Direcção da Baladi.

Voz da Terra: Como é que a agricultura surgiu na sua vida?

José Fernandes: Nasci agricultor, sou filho de agricultores e a casa dos meus pais que era típica da actividade agrícola foi construída com a noção da sustentabilidade em todas as áreas – por exemplo, linho, vinho e cereais. Tinha tudo junto à casa. No andar de cima vivia a família e na parte de baixo os animais. Mas este cenário foi mudando à medida que os anos foram passando, por causa das regras de falta de higiene.

VT: Mas quando era jovem, esteve sempre ligado à actividade agrícola?

JF: Estive sempre ligado às tarefas da agricultura, embora andasse a estudar até ao 10º ano, sempre num sistema de transportes deficitários. A maior parte dos trabalhos na agricultura eram feitos ao sábado porque os filhos estavam em casa para ajudar e quando os dias eram grandes, nós regressávamos da escola e ainda íamos participar nas actividades (agrícolas).

Aos 16 anos já era eu que fazia o cultivo, lavrava as terras com o tractor. Mas aquilo que eu fazia, era uma prática corrente na aldeia, na região. A vida era assim.

VT: Trabalhou sempre na actividade agrícola?

JF: Não, fui para a tropa e quando saí fui para a área fabril. Trabalhei três anos numa fábrica das Águas de Carvalhelhos, mas sempre que saía do trabalho voltava à agricultura. Até que depois saí dessa fábrica e instalei-me como jovem agricultor com um rebanho de ovelhas.

VT: Após se instalar como Jovem Agricultor trabalhou apenas com ovelhas?

JF: Não. Inicialmente, na família, havia vacas de carne que também eram usadas para trabalhar. Os meus pais tinham vacas de leite e tinham que se deslocar à ordenha colectiva e então eu converti as ovelhas para vacas de leite. Montei ordenha própria, onde podia ordenhar as minhas e as dos meus pais. Depois foram-me dizendo que era preciso criar mais dimensão, de investir em quota leiteira, que ia valorizar bastante e eu fui comprando as disponíveis. Fui investindo e crescendo e cheguei a um patamar que na altura era considerado razoável e que dava para viver. Até que os custos de produção começaram a disparar e o preço de leite a cair e deixou de ser viável. Decidi reverter a exploração de leite para a produção de carne. Vendi as vacas de leite e fui adquirindo vacas de carne, aos poucos. E agora estou com a produção das vacas de carne.

VT: Qual a raça vacas com que trabalha?

JF: Estou a produzir uma linha pura de uma raça não autóctone, embora reconheça que naquela região não havia de haver animal nenhum que não fosse autóctone. A raça que eu estou a produzir é uma raça francesa, Limousine, e os animais pelo porte que têm e pela tipologia adaptam-se bem ao tipo de maneio que praticamos naquela região. Atingem, com a mesma idade, quase o dobro do peso que atinge um vitelo de uma raça autóctone.

VT: Disse que aquela zona deveria ser só para raças autóctones. Acha que há uma ligação entre o Mundo rural e as raças autóctones na sua zona?

JF: Não. No meu concelho, que é zona de Barroso, a raça Barrosã deveria estar muito implementada. E não está porque um vitelo de uma raça convencional, com a mesma idade que um da raça Barrosã pesa o dobro e na

venda, a diferença em termos de preço de uma raça convencional para uma raça autóctone não chega a 1€. Enquanto como consumidor, ao comprar 1 kg de bife da raça convencional, paga 8/9€, mas se comprar de uma raça autóctone paga 15/16€. Portanto, a diferença é muita e nós, como em qualquer parte, temos que viver com dignidade. Hoje, qualquer pessoa tem que ter motivação para trabalhar e quando se trata de trabalho, a motivação que temos é financeira. Já sabemos que não vamos ficar ricos, a trabalhar na agricultura ou como agricultores de Agricultura Familiar. Mas temos o direito de viver com dignidade, não é pedir esmola nenhuma, é aquilo que tu tens direito como cidadão.

VT: Acha que estamos a perder qualidade nos produtos em função da quantidade?

JF: As explorações para terem viabilidade económica têm que partir para a intensificação, mas em nome da viabilidade económica e da competitividade, perdemos qualidade. Há dez anos, uma exploração tinha viabilidade económica com 12 animais, hoje, um jovem agricultor com um projecto co-financiado para se instalar numa aldeia, com a exploração de animais, em vez de 12, tem que ter 25/30 animais. Isto está a contribuir para o despovoamento porque a área agrária para exercer a actividade não aumentou, é a mesma. E até ali, tinha área para ter 10 jovens agricultores ou famílias, hoje só pode ter 5, porque senão não é viável economicamente. Não é estar constantemente a pensar em aumentar a quantidade porque depois vamos perder qualidade.

VT: Vê-se a fazer isto para o resto da vida?

JF: Vejo. Aliás, eu nasci um serrano e um serrano não tem dia que não vê a serra. E vou ser um frustrado a vida inteira. Porque tenho projectos que me davam para duas vidas e eu só vou durar uma, como é óbvio. Gosto do que faço, mas ando sempre a correr. Considero a minha vida muito normal porque tanto estou a tirar o estrume das vacas, como estou numa reunião com o Presidente da República, o que para mim, enquanto agricultor, é normal.

“Eu nasci um serrano e um serrano não tem dia que não vê a serra”